

FRANCESES NO BRASIL

Odilon Nogueira de MATOS

"Franceses no Brasil" é tema deveras atraente, ao qual poucos escritores resistiram. Não só os grandes viajantes, naturalistas e pintores do século passado, mas igualmente os que os precederam, nas mais diversas atividades, desde o primeiro século de nossa história. Gente de toda espécie: comerciantes, piratas, contrabandistas, navegantes à procura de provisões ou reparos para os seus barcos, e também... alguns missionários. Rara a região do Brasil que não sofresse alguma marca da influência francesa. Os navegantes, então, são assíduos freqüentadores do litoral brasileiro. Os portos da Bretanha, de vetusta tradição marítima, assistiam a todo momento a partida de navios para um mundo até então desconhecido. Chegam os franceses a afirmar (e a defender) a própria prioridade no descobrimento do Brasil. Há, de fato, um certo momento em nosso primeiro século, em que se tem dúvida se o Brasil vai continuar português ou vai cair em mãos de franceses, tal a freqüência com que os gauleses se aventuram no litoral brasileiro, tanto no norte como no sul. E diz uma tradição que eram eles mais hábeis que os portugueses no trato com os indígenas. Donde, as freqüentes alianças entre eles, pondo em risco a própria soberania portuguesa.

É importante registrar que de todas ou quase todas as viagens francesas resultaram diários e relatos, documentos preciosos de uma extensa bibliografia sobre o conhecimento da terra. Daria um livro o simples arrolamento do que se publicou sobre o Brasil nos primeiros séculos, não apenas de procedência francesa, mas também inglesa, holandesa, espanhola, alemã... Não só livros de viagens, mas também mapas do litoral, que os franceses conheciam bem melhor que os portugueses. Não é de estranhar, portanto, que se registrassem duas tentativas de ocupação definitiva de pontos estratégicos do litoral brasileiro, uma na baía de Guanabara, em meados do século XVI e outra, na ilha do Maranhão, no início do século seguinte. Da primeira, resultou a cidade do Rio de Janeiro, que vai ser capital do Brasil por duzentos anos; da segunda, resultou a cidade que até hoje tem

o nome que os franceses lhe deram (homenagem ao monarca francês) e que sempre foi a capital do Maranhão.

Os livros que esses viajantes deixaram são muito raros, cotados por preços altíssimos nos alfarrabistas internacionais. Como não se referem apenas ao Brasil, mas as páginas (às vezes poucas) sobre nosso país inserem-se em contextos mais amplos, não houve a preocupação de traduzí-los. Há, contudo, algumas exceções, que julgamos oportuno registrar: o de François Pyrard, de Laval, e o do jesuíta irlandês Ricardo Fleckno, ambos do século XVII, e cujos capítulos sobre o Brasil foram traduzidos por Afonso de Taunay. O de Pyrard, na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", volume XII de 1908 (mas efetivamente só publicado em 1911); e o de Fleckno, em extenso capítulo do livro **Visitantes do Brasil colonial**, de 1933, um dos primeiros volumes (19º) da preciosa coleção "Brasíliana", bastante conhecida de todos. E registre-se que, mais recentemente (1992), a viagem de Paulmier de Gonneville, do início do século XVI, mereceu todo um livro da Professora Leyla Perrone-Moisés, modelar estudo crítico-diplomático-bibliográfico, com a tradução integral do texto do viajante francês (**Vinte Luas**, São Paulo, Companhia das Letras).

Mas, se não tem havido interesse nas traduções integrais (pela razão que já apontamos) houve, contudo, e sempre, o interesse em resenhá-los ou mesmo simplesmente noticiá-lo, quase sempre de maneira a permitir uma apreciação correta do conteúdo deles. Afonso de Taunay, para citar o exemplo mais conhecido, dedicou numerosos volumes de sua extensa bibliografia a essa tarefa. Já cuidamos do assunto em nossos trabalhos **Taunay e os viajantes estrangeiros no Brasil** e **Afonso de Taunay, historiador de São Paulo e do Brasil**, não vendo razão para repetir o que neles escrevemos. O mesmo fez, em escala menor, o naturalista Cândido de Melo Leitão nos livros **Visitantes do Primeiro Império** e **O Brasil visto pelos ingleses**, ambos publicados na já mencionada coleção "Brasíliana".

Neste particular, apraz-nos abrir espaço para um recente livro de Duílio Crispim Farina, nosso preclaro amigo e confrade da Academia Paulista de História e da Academia Paulista de Letras, e companheiro de diretoria no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, que vem de publicar (1993) **Presença da França na terra brasileira** (edição do autor). Razões atávicas, perceptíveis na própria página de dedicatória, levaram-no a se ocupar dos "marinheiros da França" que andaram pelo Brasil. Nele encontramos quase uma dezena de franceses que visitaram nosso país, deixando depoimentos resenhados com segurança e conhecimento, às vezes com extensas transcrições de seus escritos. Chega até ao século XIX, ao tratar

de Jacques Arago (curioso caso de um viajante cego...) e, por associação, aborda a figura também curiosa do conde de Hogendorp, general de Napoleão, que, após Waterloo, veio para o Rio de Janeiro e se estabeleceu com chácara nas faldas do Corcovado, onde vivia das poucas rendas que sua propriedade lhe proporcionava. Capítulo interessante, este do velho companheiro de Napoleão, transformado, aqui, no “solitário de Cosme Velho”.

Fico muito feliz quando encontro um livro que me ensina alguma coisa. E apesar de minha relativa vivência com a literatura dos viajantes estrangeiros, este pequeno livro de Duílio Crispim Farina em ensinou muita coisa...